

Recebido em: 27/09/2021

Aprovado em: 13/10/2021

Publicado em: 22/10/2021

ESCREVER A HISTÓRIA DA PSICANÁLISE
o problema do contexto¹
WRITING THE HISTORY OF PSYCHOANALYSIS
the problem of context

Andreas Mayer²
(andreas.mayer@ehess.fr)

Resumo: Partimos da antinomia entre psicanálise e historiografia que modelou e dividiu amplamente o campo da história da psicanálise. De acordo com vários autores, a contextualização histórica da psicanálise implantaria uma força crítica ao relacionar suas teorias e técnicas a outras realidades (sociais, econômicas, culturais). No entanto, tais abordagens correm o risco de reduzir ou de perder a especificidade de seu objeto. Como alternativas, discutimos os trabalhos de C. Ginzburg, J. Forrester e A. Davidson, que propuseram inscrever a psicanálise freudiana em um programa de epistemologia das ciências humanas. Retomamos alguns de seus questionamentos a fim de propor uma concepção de contextualização combinada a uma sociologia do movimento psicanalítico e uma antropologia dos dispositivos e das práticas epistêmicas e terapêuticas. Dito de outro modo, trata-se de articular o que chamamos de uma “história coletiva” e de uma “história concreta” da psicanálise.

Palavras-chave: Psicanálise. História. Historiografia. Epistemologia histórica. Sociologia do movimento psicanalítico.

Abstract: This paper takes as its point of departure the opposition between psychoanalysis and historiography that has modelled and in large part divided the history of psychoanalysis. Many authors argue that the historical contextualisation of psychoanalysis deploys a critical force by relating its theories and techniques to other (social, economic and cultural) realities. However, such approaches risk to reduce or to miss the specificity of their object. As potential alternatives, we discuss the work of C. Ginzburg, J. Forrester and A. Davidson, who have suggested situating Freudian psychoanalysis in an epistemology of the human sciences. We take up some of their interrogations so as to put forward a vision of contextualisation combining a sociology of the psychoanalytical movement and an

¹ Artigo originalmente publicado em 2017 com o título *Écrire l'histoire de la psychanalyse : le problème du contexte*, na *Revue d'histoire des sciences humaines*, n. 30, pp. 71-91.

Tradução de Gabriel Azevedo Leite. Graduado em Psicologia pela Universidade de Fortaleza. E-mail: gabrielleite320@gmail.com.

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7242709999512701>.

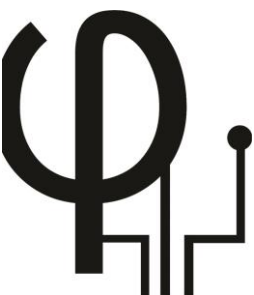
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6490-9999>.

Revisão de Caio Padovan. Professor de Psicologia clínica na Université Paul Valéry, Montpellier 3, pesquisador ligado ao *Centre de recherches Psychanalyse, Médecine et Société* da Université de Paris e ao Programa de Pós-graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). E-mail: caiopadovanss@gmail.com

CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5546489394122208>.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6397-6631>.

² Directeur de recherche (HDR) no Centre national de la recherche scientifique (CNRS), equipe Labex : HASTEC (héSam Université), formation doctorale « Savoirs en sociétés » de EHESS (ED 286), e ao Centre Marc Bloc, em Berlin. Membro do Centre Alexandre-Koyré de Histoire des sciences et des techniques.

CV: <http://koyre.ehess.fr/index.php?884>.



anthropology of epistemic and therapeutic approaches and practices. In other words, the article aims to articulate what we term a “collective history” and a “concrete history” of psychoanalysis.

Keywords: Psychoanalysis. History. Historiography. Historical epistemology. Sociology of the Psychoanalytical movement.

Desde a sua fundação na virada do século XIX, a psicanálise mantém uma difícil relação com a historiografia. Sabemos que Freud publicou desde muito cedo textos sobre a história do movimento psicanalítico, buscando assim estabelecer sua própria versão de suas descobertas com uma visada estratégica e polêmica³. E seus escritos sobre a cultura e a religião, de *Totem e Tabu* a *O homem Moisés e a religião monoteísta*, foram, em um nível ainda mais ambicioso, tentativas de escrever a história da civilização, destacando o mecanismo que aparecia como um de seus pivôs: o retorno do recalcado. Em função de seus recursos à teorização do inconsciente, tanto a nível individual quanto coletivo, essas incursões freudianas no terreno da história marcam uma diferença para com as abordagens da historiografia profissional⁴. Daí o dilema quando se trata de escrever uma história da psicanálise: ou ela se apresenta sob a forma de uma história das descobertas do pensamento sobre o inconsciente (ou, se quisermos, sobre a “realidade psíquica”), enquanto objeto da psicanálise e seguindo suas próprias leis; ou como uma história que coloca essas descobertas em contexto, relacionando-as a uma exterioridade (uma realidade social, econômica ou cultural), correndo o risco de perder ou até mesmo de negar a especificidade de seu objeto. Então, toda tentativa para contextualizar a psicanálise se oporia a uma historiografia interna, que trata os acontecimentos segundo a temporalidade e a lógica particular da teorização psicanalítica do inconsciente.

Uma tal concepção antinômica da relação entre psicanálise e historiografia modelou, e quanto a isso não há dúvidas, uma boa parte das abordagens comprometidas em fazer história das teorias e métodos freudianos. Ela inspirou a introdução progressiva das contextualizações da psicanálise que buscam se distanciar de uma historiografia interna denunciada, por vezes de maneira polêmica, como uma hagiografia imbuída de mitificações, ou até de “falsificações” da

³ Sendo Freud (1914), sem dúvida, o texto mais polêmico e controverso. Se as notas no texto não se referem a traduções, estas são do autor.

⁴ Para o contexto francês, ver a síntese programática de Certeau (1978). A partir de uma leitura de *O homem Moisés* (Certeau, 1975), inspirada por Jacques Lacan, Certeau situou a intervenção freudiana na historiografia sob o signo da “ficção”, que, segundo ele, se opõem àquela [à história] por uma estratégia diferente de pensar e organizar a relação passado-presente, e por uma lucidez reflexiva em relação ao seu lugar de produção. No contexto germanófono ou anglófono, a oposição entre psicanálise e historiografia se desdobra de maneira um pouco diferente. Notamos que a psicanálise é frequentemente identificada, de maneira redutora, a uma abordagem biográfica ou individualista, entrando necessariamente em conflito com a história social ou política. Ver Wehler (1971).



realidade histórica. Ora, insistir demais na força de tais oposições, nos leva, por um lado, a tratar de maneira unívoca relações ao passado que se revelam, a começar com Freud, mais plurais e contrastadas; por outro lado, corremos o risco de acabar perdendo de vista as abordagens que propuseram, de modo mais discreto e fecundo, maneiras alternativas de historicizar a emergência da psicanálise ao assinalar suas especificidades epistemológicas e sociológicas dentro da história das ciências humanas.

As reflexões que se seguem se inscrevem no esforço de abandonar as antigas oposições, estéreis aos nossos olhos, que dividiram a história da psicanálise. Nossa discussão a respeito dos usos da contextualização nesse campo visa depreender daí uma concepção capaz de integrar as problemáticas de uma sociologia do movimento psicanalítico a de uma antropologia dos dispositivos e das práticas epistêmicas e terapêuticas. Estamos conscientes dos limites de um tal ensaio: ele não se pretende ser uma análise exaustiva do campo da historiografia da psicanálise, nem um estudo das questões institucionais ou políticas, que normalmente fundamentam o uso dos diferentes modelos historiográficos. E considerando nosso investimento pessoal nesse campo, teremos necessariamente uma tendência a abordar a problemática dando preferência a certos debates e aspectos que parecem esclarecê-la melhor do que outros⁵.

1 AS ORIGENS DA PSICANÁLISE PELO CRIVO DA HISTÓRIA: MITOGRAFIA VS. ICONOCLASTIA

Tudo levaria a crer que a oposição entre uma história interna e mitográfica das descobertas freudianas e uma história contextual que se pretende crítica ou mesmo iconoclasta é uma consequência inevitável das origens da psicanálise: com efeito, estas se apresentam sob a forma de uma autoanálise do fundador, engendrando um saber eminentemente *pessoal*. A *interpretação dos sonhos* é não apenas a primeira formulação da teoria e da técnica psicanalítica, mas ela se constrói em grande parte a partir do caso particular de Freud. É por esta razão que a autoanálise nos servirá de ponto de partida para abordar a problemática da contextualização.

Se nos mantivermos fiéis à apresentação da autoanálise em *A interpretação dos sonhos*, convém levar em conta um paradoxo: ao analisar seus próprios sonhos, Freud aparece como

⁵ Para uma primeira etapa de reflexão, ver Marinelli; Mayer (2006).

o primeiro caso de sua nova ciência e terapia, embora sustentando que essa escolha de “material” deveria ser, em última instância, indiferente para o leitor, que devia aprender a técnica psicanalítica seguindo o exemplo dado pelo autor⁶. A famosa autoanálise freudiana não deve, portanto, ser concebida unicamente como o ato de fundação mítica da psicanálise ligada à pessoa de Freud, mas também como a demonstração de uma nova técnica impessoal. Esse acontecimento de dupla face nos leva ao cerne da problemática da contextualização, tal como ela se impõe nesse caso particular. Para o historiador, pelo menos duas vias possíveis se abrem aqui: ele pode situar a autoanálise como um acontecimento dentro de um enquadre biográfico; ou poderá escolher entendê-la como um procedimento técnico em um contexto mais amplo que ainda precisa ser definido ou mesmo reconstruído. Trata-se de duas maneiras opostas de apreender a articulação de um relato pessoal com uma exposição metodológica: favorecendo a primeira, a abordagem biográfica ignora a segunda e faz desaparecer a especificidade da autoanálise freudiana reduzindo-a a um relato autobiográfico verídico ou lendário (possivelmente mistificador). A segunda opção, pelo contrário, permite um deslocamento, dado que a inscrição da autoanálise como procedimento em seu contexto exige restituir não apenas a dupla face, pessoal e técnica, mas também seus modelos e efeitos práticos. Contrariamente à primeira opção, onde a questão da contextualização não se coloca, a segunda nos incita a articular e a encontrar respostas práticas⁷.

Se fosse necessário encontrar o *locus classicus* da inscrição da autoanálise na biografia de Freud, bastaria consultar a grande biografia de Ernest Jones, publicada nos anos 1950. Nessa versão, a mais heroica, a autoanálise aparece como o acontecimento fundador e único que dá nascimento à psicanálise freudiana:

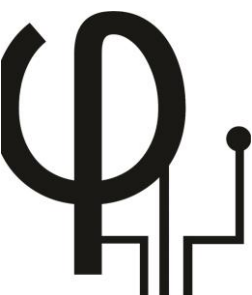
E a tarefa dos pioneiros não é sempre dolorosa? Seja como for, o caráter único desse feito permanece. Uma vez realizado, está realizado para sempre e ninguém mais poderá reivindicar ser o primeiro a explorar essas profundezas (JONES, 1973, p. 351)⁸.

Mas é preciso levar em conta o fato de que Jones seguia apenas a confissão pessoal de Freud, no prefácio à segunda edição de seu livro [A interpretação dos sonhos], que fazia dele uma parte de sua autoanálise, uma reação subjetiva à morte de seu pai, “e, portanto, ao evento

⁶ Freud (1900/2010, p. 190).

⁷ Para uma primeira formulação dessa questão, ver Mayer (2001a). Para um desenvolvimento mais detalhado, ver Mayer (2002/2013, pp. 192-208).

⁸ A autoanálise de Freud foi abordada mais precisamente nos anos 1950, após a publicação parcial das cartas de S. Freud a W. Fliess. Para essa primeira edição, ver Freud (1956).



mais importante, a essa perda que representa a mais radical ruptura na vida de um homem”⁹. Com esse gesto, o texto da *Traumdeutung* [A Interpretação dos Sonhos] apareceria muito mais relacionado à pessoa de seu autor e convidaria seus leitores a também o lerem como um fragmento autobiográfico, gerando mais tarde novas interpretações psicanalíticas e biográficas. A partir deste momento, os aspectos técnicos e práticos do termo “autoanálise” no texto freudiano, frequentemente empregado no sentido de “auto-observação” (termo bem mais recorrente), desapareciam em prol de um relato que celebra a grande ruptura epistemológica operada por Freud¹⁰. Na França, é o livro do psicanalista Didier Anzieu, publicado pela primeira vez em 1959, que cimentaria essa imagem descontextualizada da autoanálise enquanto gesto singular e revolucionário, “experiência única, muito difícil de repetir”, implicando dificuldades “quase insuperáveis¹¹”.

Em resposta a essa imagem heroica, vários autores vão elaborar outras leituras destinadas a relativizar o caráter excepcional da autoanálise de Freud. O mais eminente desses historiadores contextualistas é, sem dúvida, o psiquiatra Henri Ellenberger, a quem devemos um dos primeiros grandes estudos históricos sobre o vasto campo dos saberes e técnicas terapêuticas que lidam com o inconsciente – campo que ele nomeia com termo “psiquiatria dinâmica¹²”. Para retomar a célebre distinção introduzida por Kenneth Pike, trata-se de um termo ético (*etic*), apresentado pelo pesquisador para compreender uma realidade histórica, em contraste às descrições êmicas (*emic*), que são aquelas dos atores¹³. Segundo Ellenberger “a utilização terapêutica das forças psíquicas inconscientes remonta ao início dos tempos” e assim o termo “psiquiatria dinâmica” se aplica não apenas a Mesmer e seus seguidores, a magnetizadores e a hipnotizadores, médicos românticos do século XIX, mas também aos místicos, possuídos e padres exorcistas dos séculos passados. Inseridos em um contexto de longa duração, a autoanálise freudiana é qualificada como um “adoecimento criativo” [*maladie créatrice*], em estreita analogia com as experiências místicas e poéticas¹⁴. Tal interpretação se

⁹ Freud (1900/2010, p. 28).

¹⁰ Convém lembrar que, na primeira edição da *Traumdeutung*, o termo “autoanálise” aparece somente quatro vezes, na primeira vez no plural e entre aspas e, ademais, frequentemente de maneira intercambiável com a palavra “auto-observação”, que é bem mais presente nesse texto. Ver Mayer (2001a).

¹¹ Ver também Eissler (1971), Kanzer; Glenn (1979).

¹² Ellenberger (1970); tradução francesa, 1974. A tradução francesa será republicada depois da morte do autor em 1994, sob o diferente título de *Histoire de la découverte de l'inconscient*, seguida de uma coletânea de artigos (Ellenberger, 1995). Esses dois livros são editados pela psicanalista Élisabeth Roudinesco que, beirando o contrassenso, apresenta o autor ao público francês como o “fundador da historiografia erudita à maneira de Michelet e da escola dos Annales” (p. 7). Para uma apresentação e documentação mais confiável, ver Micale (Org., 1993).

¹³ Ver Jardine (2004), Ginzburg (2012).

¹⁴ Ellenberger (1964).



encaixa na tradição do diagnóstico retrospectivo, inaugurado no século XIX enquanto gênero historiográfico em medicina. Personagens históricos, mas também fictícios, são tratados como se fossem pacientes reais, postulando assim a validade universal dos diagnósticos clínicos atuais¹⁵. Para Ellenberger, portanto, o contexto não inclui somente os dados biográficos, mas vai além da vida de Freud, abrindo-se a outros casos que o historiador põe em série depreendendo daí o tipo [ou paradigma] de uma doença transcultural. Segundo ele, o “adoecimento criativo” é caracterizado por um “estado polimorfo”, apresentando traços de uma neurose ou de uma depressão; o autor em questão se encontra sempre atormentado pelo sentimento de estar isolado ou alheio ao mundo, seu sofrimento culmina em um estado de euforia que caminha junto com a convicção de ter descoberto uma grande verdade. No caso de Freud, essa descoberta seria o inconsciente, descoberta puramente ilusória, segundo Ellenberger, que se dedica a demonstrar que esse objeto já teria sido explorado por um sem-número de “precursores”.

Vários autores retomaram o gesto de Ellenberger, de virar do avesso o relato hagiográfico de Jones. Frank Sulloway, que nos anos 1970 dedica sua tese em história das ciências a Freud (em concorrência com duas outras teses importantes provenientes de departamentos anglo-saxões, a de Kenneth Levin em Princeton, e a de John Forrester em Cambridge¹⁶), ataca em seguida tais formas de exposição buscando separar cuidadosamente o joio do trigo, o “mito do herói” dos fatos históricos. A quintessência de sua biografia intelectual *Freud, Biologist of the Mind: Beyond the Psychoanalytic Legend* (1979) [Freud, Biólogo da Mente: Além da Lenda Psicanalítica], é uma espécie de catálogo que confronta os mitos detectados na hagiografia freudiana a um certo número de fatos listados. Em relação à autoanálise, Sulloway procura, sobretudo, recusar a imagem lendária de uma descoberta solitária da sexualidade infantil e do complexo de Édipo por Freud, sublinhando o papel das teorias biológicas de seu amigo Wilhelm Fliess ou de trabalhos anteriores que discutiam a sexualidade infantil. Se o historiador não reduz inteiramente a autoanálise a uma fabulação ou lenda, ele busca, em todo caso, ao menos minimizar seu valor para a emergência das teorias freudianas¹⁷. Em última análise, essas teorias acabam se revelando como o resultado da influência de outros saberes ou de outras ciências emergentes (como a sexologia da época), influências não reconhecidas por Freud e por seus hagiógrafos.

¹⁵ Cabe lembrar que a difusão de modelos interpretativos desse tipo ocorreu no mesmo contexto do qual emergiu a psicanálise, a saber, das pesquisas sobre a histeria e sobre a hipnose realizadas por Jean-Martin Charcot na Salpêtrière.

¹⁶ Levin (1978), Forrester (1980).

¹⁷ Sulloway (1979/1992), pp. 207-210.



Se a abordagem contextualista de Sulloway diverge daquela de Ellenberger, a estratégia geral permanece a mesma: trata-se de inscrever a psicanálise freudiana na continuidade de outros saberes, revelando seus “precursores” recalcados a fim de contestar sua originalidade. Um dos pontos fortes de tal contextualização continuísta é o de se apoiar firmemente na história e de desenterrar corpus ou figuras negligenciadas. Sua grande fraqueza é a ausência de uma reflexão epistemológica sobre os modelos historiográficos que pretende mobilizar, neste caso uma mistura que vai da biografia intelectual à história das ideias recorrendo, de maneira pontual, à sociologia da ciência. Logo após a publicação do livro de Sulloway, os historiadores Carl Schorske e William McGrath vão desenvolver uma síntese entre a abordagem biográfica e uma história culturalista, fazendo referência ao “político” em um sentido mais amplo. Trata-se, portanto, de compreender a autoanálise de Freud ainda como evento fundador que dá origem à descoberta do inconsciente, mas conferindo a essa descoberta um outro sentido, a saber, aquele de uma crise ao mesmo tempo pessoal, profissional e política. O contexto dessa crise é a *Vienna fin-de-siècle*, apresentada por Schorske em um livro influente (1979), com a ascensão dos nacionalismos e do antissemitismo no Império Austro-Húngaro ameaçando os valores do liberalismo¹⁸.

O livro de McGrath, *Freud's Discovery of Psychoanalysis: The Politics of Hysteria* (1986) [A Descoberta da Psicanálise por Freud: A Política da Histeria], permanece fiel às teses de Schorske: para “explorar as origens históricas da criatividade de Freud”, ele se propõe a analisar “as interações (*interplay*) entre o mundo interior dos sonhos e as fantasias e influências externas, como a situação da família, a tradição religiosa, a formação e o ambiente sociopolítico¹⁹”. Assim, do ponto de vista metodológico, o historiador realiza uma leitura dos sonhos e de sua interpretação feita por Freud, que ele encontra na *Traumdeutung* e em sua correspondência, a fim de localizar referências a acontecimentos políticos e de restituir seu significado para a gênese da psicanálise. A autoanálise é mais uma vez considerada como o grande acontecimento na descoberta freudiana: em alguma medida, em seu conjunto, ela constitui o texto (os sonhos aparecem como *evidências*, logo como provas suficientes que dariam acesso ao “mundo interior” de Freud), enquanto o contexto é composto por fatores externos bastante variados (família, religião, formação, campo social e político).

Como o caráter revolucionário da autoanálise se manifesta? Segundo McGrath, o elemento crucial está nos conteúdos políticos que ela encara através das identificações de Freud com os chefes militares, religiosos ou míticos (o José bíblico, Aníbal, Moisés).

¹⁸ Schorske (1980a, p. 199; 1980b).

¹⁹ McGrath (1986, p. 16).

Evidentemente, a questão principal dessa contextualização é a posição freudiana face ao judaísmo e ao antissemitismo²⁰. É por isso que os sonhos de viagens em que Freud se vê em Roma são apresentados como a pedra angular para uma outra versão mais originária da psicanálise. Como a interpretação freudiana desses sonhos giram em torno da figura de Aníbal, que jura vingar seu pai, ela fornece a prova de um modelo político na base de sua teoria psicológica, precedendo e até mesmo se opondo ao famoso triângulo edipiano²¹. Ora, segundo Schorske e McGrath, esse modelo inicial é finalmente ultrapassado em favor do Édipo, modelo que reduz o político a um único conflito entre o pai e seus filhos, e que tornará Freud cego à compreensão do mundo social e político: o parricídio substituindo o regicídio, o campo político se encontraria “neutralizado por uma psicologia antipolítica²²”. Daí toda a ambiguidade dessa “descoberta” da psicanálise enquanto nova teoria revolucionária do psiquismo que não vê a luz do dia senão obliterando as dimensões políticas e sociais, ou seja, o “contexto” tal como o historiador o define e se compromete a reconstruí-lo. Mas também se constata uma ambiguidade ou contradição dentro dessa narrativa de descoberta, que, embora mobilize a situação política da Viena *fin-de-siècle* como contexto, segue na maior parte do tempo um modelo biográfico psicologista. Se a psicanálise tivesse de fato nascido de algum “desejo” freudiano de se libertar da “realidade política”, desejo que se traduziria nas “identificações” sucessivas estabelecidas por Freud com “grandes homens” advindos da cultura alemã (Goethe, Winckelmann etc.), como querem esses autores, ela correria o risco de ser reduzida ao ato de compensação de uma “frustração política²³”. No plano historiográfico, esse modelo não rompe, portanto, com um viés psicobiográfico ainda bastante difundido e que se dedica a reinterpretar a vida e a obra de Freud.

É interessante acompanhar nesse mesmo período a publicação de um artigo do filólogo italiano Sebastiano Timpanaro sobre a “fobia romana de Freud” (1984), que propõe uma releitura similar da autoanálise freudiana, ao mesmo tempo em que se opõe às teorias

²⁰ Trata-se de um contexto que deu origem a uma vasta literatura que não terei condições de discutir aqui. Ver Bakan (1958); Certeau (1975/1984, pp. 312-358); Yerushalmi (1993); Derrida (1995); Jan Assmann (1997/2001); Bernstein (1998); Le Rider (2002).

²¹ McGrath (1974; 1986, pp. 197-229).

²² “*Politics is neutralized by a counterpolitical psychology*” (Schorske, 1980a, p. 197). Ver McGrath (1986, p. 218).

²³ “As ações de Freud mostram que sua escolha se pautou sobre Winckelmann e a harmonia clássica da Antiguidade grega em detrimento de um antagonismo político permanente simbolizado por Roma e o catolicismo medieval (...). Após ter se dado conta de que seria movido por uma frustração política, Freud tentou se libertar das obsessões neuróticas associadas ao mundo político, e seus novos avanços na compreensão do psiquismo humano forneciam a ele os recursos necessários a essa tarefa. Com suas tentativas de uma exoneração do “pai” (...), Freud passou a ver a realidade política em si mesma como seu verdadeiro adversário.”, McGrath (1986, p. 228).

psicanalíticas e principalmente à doutrina do complexo de Édipo, que ele recusa por considerá-las não científicas²⁴. Assim como em Schorske e McGrath, trata-se aqui de mostrar que o próprio Freud havia dedicado uma interpretação desses sonhos em termos de conflito político, mas, sobretudo, de mostrar como essa interpretação foi posteriormente revisada e ocultada por uma ortodoxia “mais freudiana que o próprio Freud²⁵”. Além disso, Timpanaro (que já havia publicado uma crítica devastadora do método psicanalítico em seu livro *Il lapsus freudiano*²⁶ [O lapso freudiano]) também se serve da psicobiografia, mas com conclusões muito mais negativas: ele qualifica a identificação de Freud com Moisés como “patológica”, sustentando que sua “fobia romana” (termo inventado pelo filólogo) seria, em seguida, transformada em “neurose”, e reconhece no pai da horda primitiva de *Totem e Tabu* o autorretrato da personalidade “profundamente agressiva” do fundador da psicanálise²⁷.

Em 1992, ano da republicação do texto de Timpanaro, em um livro inteiramente dedicado à crítica da psicanálise²⁸, aparece também a reedição do livro de Sulloway. Enquanto os dois autores – que pertencem a culturas universitárias diferentes – muito provavelmente se ignoram, ambos fazem referência a um modelo ideal de cientificidade, modelo que se assemelha ao que foi atacado pela “nova” sociologia das ciências sob o nome de *standard model of science*²⁹ [modelo padrão de ciência]. Nesse novo prefácio, Sulloway esboça um quadro normativo para avaliar o projeto científico de Freud:

Depois de 1900, Freud parece ter abandonado muitas das salvaguardas fornecidas pela metodologia científica tradicional, incluindo aí a disseminação de métodos e a boa vontade para responder às críticas válidas de pares por meio de revisões pertinentes de suas teorias. Caminhando em sentido oposto, ele escolhe governar a psicanálise através de seu “comitê secreto”, composto por seguidores leais, e exercer seu considerável poder de apadrinhamento econômico encaminhando pacientes a seus alunos (SULLOWAY, 1979/1992, p. XV).

²⁴ Timpanaro (1984), para uma versão ampliada, ver Timpanaro (1992/2006), pp. 53-110.

²⁵ Timpanaro (1992/2006), pp. 221-245.

²⁶ Timpanaro (1974/2002), tradução inglesa (1976/2011).

²⁷ Timpanaro (1984, pp. 16 e 25, e seguintes).

²⁸ Timpanaro (1992/2006).

²⁹ Mulkay (1979), Mulkay; Knorr Cetina (Orgs.) (1983). Para ser justo com Timpanaro, caberia aqui insistir no fato de que sua crítica da psicanálise em *Il lapsus freudiano*, nascida de uma discussão permanente com psicanalistas como Cesare Musatti, críticos literários como Francesco Orlando ou historiadores como Carlo Ginzburg, revela-se mais fecunda que aquela de Sulloway. Voltaremos a isso.

O historiador confronta assim uma imagem ideal da ciência, derivada em sua essência do artigo clássico de Robert Merton sobre as normas da ciência³⁰, aos defeitos pessoais de Freud (seu caráter dogmático e egoísta) e de seus seguidores. Esse retrato também subscreve totalmente à visão assimétrica da prática científica, segundo a qual a verdadeira ciência deve estar isenta de interesses pessoais, políticos ou econômicos. Portanto, a psicanálise não seria uma abordagem científica ou terapêutica com pleno direito à cidadania, mas sim uma comunidade sectária estrangeira ou mesmo hostil às “normas” da ciência³¹.

A nova edição do livro de Sulloway se inscreve em um contexto diferente. Foi o que se chamou nos Estados Unidos, nos anos 1990, de as “guerras em torno de Freud” (*Freud Wars*), polêmica muito midiaticizada em meio a qual encontramos atores investidos em profissões terapêuticas sendo abordados por aqueles que participam dos debates intelectuais e acadêmicos sobre psicanálise³². Em meio a essas polêmicas, a contextualização histórica da psicanálise que leva em conta a biografia de Freud e de outros psicanalistas, a história de pacientes (e principalmente de “casos famosos”) e conflitos e cisões entre grupos de analistas, constitui um elemento essencial para questionar a veracidade de seus teóricos e a eficácia de suas terapias. Alguns anos depois, essas batalhas midiáticas em torno de Freud vão se reproduzir na França, especialmente com o *Livro negro da psicanálise*, que reúne críticas iconoclastas, atraindo, assim, réplicas de psicanalistas ou de jornalistas³³. No plano historiográfico, o modelo antinômico permanece: a crítica é sempre dirigida contra a versão hagiográfica, visando essencialmente a destruição sistemática das “lendas” freudianas que, em alguns autores, se confundem com a própria psicanálise³⁴. Notamos nessa literatura a persistência de um

³⁰ Merton, (1942/1973). Relembremos que essas quatro normas essenciais são “*universalism, communism, disinterestedness, and organized skepticism* [universalismo, comunismo, desinteresse, e ceticismo organizado]”.

³¹ A despeito disso, é fato que, na esteira de Weisz (1975), Sulloway já havia utilizado um quadro semelhante na primeira edição de seu livro. E, apesar da evocação essencialmente retórica dos autores da nova história e sociologia das ciências (Latour, Woolgar, Shapin, Schaffer ou Lenoir), no início de um artigo sobre os estudos de caso de Freud, Sulloway (1991) segue aqui o mesmo modelo de inspiração mertoniana.

³² Por falta de estudos mais precisos, não poderemos fazer aqui uma análise sociológica das “*Freud Wars*”. O livro de Forrester (1997) contém muitos comentários a este respeito, mas se dedica sobretudo a uma reflexão crítica das estratégias historiográficas.

³³ Na sequência, Sulloway se tornará o decano dos autores que se dedicam a trazer esse debate polêmico para a França. Ver sua contribuição ao *Livro negro*, onde seu trabalho aparece como uma das principais referências (Sulloway, 2005).

³⁴ Ver Borch-Jacobsen; Shamdasani (2006), que é mais uma compilação bastante seletiva e parcial do que um verdadeiro estudo historiográfico, publicado na esteira do *Livro negro* por dois de seus arquitetos. Os autores inscrevem a história da psicanálise em um modelo segundo o qual a identidade da psicanálise freudiana se confunde inteiramente com a “fidelidade institucional à lenda freudiana”, ou seja, a uma manipulação interessada dos fatos históricos destinada a produzir uma crença cega entre seus seguidores (p.439). A autoanálise freudiana, portanto, nunca teria acontecido, seria somente uma “lenda” fabricada para “silenciar os oponentes” da psicanálise, um “meio para justificar o argumento de autoridade” (p. 83).

biografismo que se inspira de modo eclético nas diversas estratégias de contextualização que acabamos de identificar³⁵.

2 INSCREVER A PSICANÁLISE NA HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS HUMANAS: NOVAS ABORDAGENS

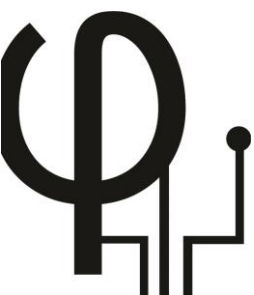
Outras vias se abrem à medida em que abandonamos uma abordagem historiográfica que, de uma maneira ou de outra, se constrói em torno da oposição persistente, mas estéril, entre uma hagiografia lendária e uma contextualização iconoclasta. De fato, a partir dos anos 1970, surgem novas abordagens que respondem às críticas da psicanálise por meio de uma leitura ao mesmo tempo epistemológica e histórica com o intuito de lançar luz sobre a questão dos métodos e conceitos psicanalíticos. Assim, em seu célebre ensaio dedicado ao “paradigma indiciário”, o historiador Carlo Ginzburg partirá da crítica de Sebastiano Timpanaro para extrair dela todo um programa positivo de epistemologia das ciências humanas³⁶. Lendo o ensaio sobre o “Moisés de Michelangelo” como um texto chave, ele mostra em que medida a técnica psicanalítica desenvolvida por Freud é tributária do método do crítico de arte Giovanni Morelli, do qual ele havia tomado conhecimento desde as suas primeiras viagens à Itália nos anos 1890. No caso da técnica freudiana, é a observação de detalhes triviais e de traços ínfimos que permite revelar uma realidade inacessível. Embora seja bem sabido que Ginzburg tenha situado os métodos de Freud e de Morelli em um modelo ou paradigma particular, característico, segundo ele, das ciências humanas e que encontraria sua origem em uma tradição mais antiga da semiótica médica³⁷, não fica claro em que medida essa leitura epistemológica se desenvolveu a partir um real intercâmbio entre o historiador e o filólogo³⁸. Em *Il lapsus freudiano*, Timpanaro havia sustentado que a solução psicanalítica ao problema de encontrar explicações individualizadas válidas para casos particulares se assemelhava à da magia. Como ele especifica em uma nota de seu ensaio, Ginzburg se compromete a virar do avesso essa avaliação negativa ao sugerir que não só a psicanálise, mas as ciências humanas em geral, seriam “inspiradas por

³⁵ Assim, em uma biografia recente, que intercala os velhos relatos lendários à maneira de Jones com versões muito resumidas das abordagens de Ellenberger, Schorske ou Sulloway, a via régia que resta é aquela de penetrar nos detalhes da vida íntima de Freud para “explicar” sua obra (Roudinesco, 2014).

³⁶ Ginzburg (1986; 2010).

³⁷ Ver Thouard (2007), onde Ginzburg retorna ao seu texto, e “*Sur les traces de Carlo Ginzburg*”, *Critique* (junho-julho, 2011), pp. 769-770.

³⁸ Ginzburg; Timpanaro (2005); Timpanaro; Orlando (2001).



um tipo de epistemologia divinatória³⁹”. Se a análise freudiana dos sonhos recorre a traços em suas práticas interpretativas, o historiador e o filólogo não estão em melhor posição para fazer julgamentos sobre sua cientificidade⁴⁰. O deslocamento do olhar do historiador às práticas epistêmicas basta para que a antinomia entre historiografia e psicanálise se dissipe.

Parece-nos que há pelo menos duas coisas importantes a serem conservadas do ensaio de Ginzburg para a problemática da contextualização da psicanálise. A primeira se refere aos traços materiais e visuais que dão acesso a um saber sobre o inconsciente, tema abordado com frequência por Freud por meio da analogia entre o arqueólogo-historiador da arte e o médico-psicanalista⁴¹. Ginzburg insiste sobre o fato de que Freud teve conhecimento do método de Morelli na época em que sua própria técnica estava se cristalizando a partir de outras abordagens; ele salienta também que o ensaio sobre o “Moisés de Michelangelo” é um texto publicado de modo anônimo, caracterizado pelo próprio Freud como um texto “não analítico”. Isso deveria bastar para que nos interrogássemos sobre as complexas transposições entre diferentes práticas de observação no domínio da arte e da medicina no fim do século XIX, colocando assim em questão a oposição apressada entre uma “arte da escuta” freudiana e outras abordagens de observação clínica que dão prioridade à demonstração visual, como – e em primeiro lugar – o “grande hipnotismo” de Jean-Martin Charcot, que Freud adotou e defendeu durante vários anos.⁴² A segunda lição a ser assimilada é a de que se deve resistir à tentação de reconstruir uma epistemologia da psicanálise a partir de um único modelo, e, ao invés disso, deve-se se interrogar sobre a articulação específica que os conceitos freudianos mantêm com outras práticas epistêmicas ou “metáfora cognitivas”, para adotar o termo de Ginzburg⁴³.

Outra abertura à historiografia que permite sair da oposição entre as abordagens hagiográficas e iconoclastas se encontra em autores anglófonos que, a partir dos anos 1980, vão oferecer histórias conceituais. Inspirados pela arqueologia das ciências humanas esboçada por Michel Foucault em *As palavras e as coisas*, esses autores procuram recolocar os textos de Freud no seu campo epistêmico, a fim de identificar seus pontos de ruptura com outras perspectivas contemporâneas a ele. É uma iniciativa que afirma em juízo contra uma historiografia contextualista à maneira de Ellenberger ou de Sulloway, e contra toda redução da

³⁹ Ginzburg (2010, p. 251, n. 48).

⁴⁰ Não ficaremos surpresos em saber que Timpanaro não estava de acordo: “A filologia (...) é certamente uma ciência muito inexata, mas é uma ciência, pelo menos em sua forma de aproximação”, seguindo “normas” e “critérios metodológicos”. Carta de Timpanaro a Ginzburg, 1 de abril de 1975, Ginzburg; Timpanaro (2005, p. 337).

⁴¹ Freud (1937); tradução francesa, 1985

⁴² Ver o trabalho de Didi-Huberman (1982), inteiramente construído sob essa falsa oposição.

⁴³ Ginzburg (2004).



constituição do texto freudiano à vida do autor. Desse modo, John Forrester, que logo se tornaria o historiador da psicanálise mais prolífico de sua geração, desenvolve no seu primeiro livro, *Language and the Origins of Psychoanalysis* (1980) [A Linguagem e as Origens da Psicanálise], uma nova forma de praticar a história conceitual, recolocando a emergência da psicanálise no espaço da neurofisiologia e das ciências da linguagem de sua época. Através de leituras atentas dos textos freudianos e de uma reconstrução minuciosa dos debates epistemológicos, tal abordagem busca revelar a historicidade dos conceitos psicanalíticos (como *Trieb* ou complexo de Édipo)⁴⁴.

Em um viés mais foucaultiano, o filósofo americano Arnold Davidson elabora um estudo histórico sobre os *Três ensaios sobre a teoria sexual* no contexto do espaço da psiquiatria, dedicando-se à origem e ao uso dos conceitos em psicanálise:

Precisamos de uma história dos conceitos usados na psicanálise, uma narrativa de suas origens e transformações históricas, de suas regras de combinação e de seu uso em um dado modo de raciocínio (DAVIDSON, 1987/2005, p. 139).

Com a mobilização de noções como “prática discursiva” ou “estilo de raciocínio” (*style of reasoning*), a iniciativa de Davidson se insere também na tentativa de uma “história da psicanálise sem nomes”, referindo-se à “história da arte sem nomes” de Heinrich Wölfflin, mas também aos trabalhos do filósofo da ciência Ian Hacking⁴⁵. Fica evidente a radicalidade de um tal programa para escapar à escolha entre a celebração hagiográfica e a contextualização redutora. Como escrever uma história da psicanálise sem pronunciar o nome do fundador? Ora, ao cabo de sua análise, entendida por Davidson mais como uma lição de método do que um estudo exaustivo desse campo, a referência ao nome de Freud se revela sempre indispensável para compreender a natureza contraditória de seu discurso sobre a sexualidade. Depois de ter realçado os pontos de ruptura que marcam o texto freudiano em relação a outras concepções psiquiátricas do instinto sexual, Davidson se confronta com o problema da contradição entre, de um lado, uma nova teorização da sexualidade que rompe com uma concepção normativa do instinto, e, de outro, as posições normalmente tomadas como convencionais ou mesmo conservadoras de Freud sobre a masturbação ou sobre a sexualidade feminina em geral. Assim, Davidson se vê constrangido a resolver esse problema distinguindo dois Freud, um conceitual

⁴⁴ Talvez ainda não tenhamos medido toda a sua radicalidade, especialmente na França, onde ela foi um tanto ocultada pela apresentação feita por Pierre Fédida da tradução francesa de seu livro: ver Forrester (1984).

⁴⁵ Davidson, (1987/2005, p. 136); Wölfflin (1915). Para uma primeira formulação do que Ian Hacking qualificará retrospectivamente como “*The Styles Project*”, ver Hacking (1982). Ele retornará a esse projeto em várias ocasiões, mas se distanciando do rótulo “epistemologia histórica” e passando a qualifica-lo de “ontologia histórica”. Hacking (2002; 2012).

e inovador, e um outro que seria o produto de uma “mentalidade” e de “hábitos” de sua época, incapaz de entender o alcance de suas próprias inovações no plano teórico:

Freud foi o produto da velha mentalidade que considerava as perversões como patológicas – uma mentalidade cujos primeiros sinais reais de desintegração se encontram no começo do século XX. Os *Três ensaios* deveriam ter podido estabilizar a nova mentalidade, acelerar sua consolidação fornecendo-lhe uma autorização conceitual. Mas, devido à temporalidade divergente da emergência de novos conceitos e da formação de novas mentalidades, não nos surpreende que os hábitos mentais de Freud jamais tenham acompanhado suas formulações conceituais (DAVIDSON, 1987/2005, p. 170).

Por meio desse gesto, os elementos discursivos do texto que se encontram em evidente contradição com aqueles supostamente capazes de promover uma ruptura acabam sendo transpostos ao plano dos hábitos mentais, aguardando, assim, um tratamento em outro registro, psicossociológico, cuja articulação com a epistemologia histórica esboçada por Davidson não foi elaborada.

3 GENÉTICA TEXTUAL E PRÁTICAS DE LEITURA: A HISTÓRIA COLETIVA DA TRAUMDEUTUNG

Como indiquei, os trabalhos de Ginzburg, Davidson e Forrester permitem elucidar a gênese dos conceitos e métodos freudianos, abandonando as abordagens historiográficas que apelavam ao “contexto” com um olhar redutor⁴⁶. Ora, mesmo se a abordagem da epistemologia histórica de Davidson tenha chamado a atenção para dois desafios principais, o de uma “história sem nomes” e o das contradições do discurso freudiano, ela não os resolve de maneira muito satisfatória. Uma resposta parcial poderia vir – como tentamos demonstrar em uma série de trabalhos – de uma genética dos textos elucidada pelos questionamentos de uma história da leitura e de suas práticas⁴⁷. Para uma tal abordagem, são os múltiplos usos de um mesmo texto ou de uma teoria que permitem lançar luz sobre a emergência da psicanálise e suas

⁴⁶ Ver em particular o livro de Forrester (1997), que oferece de maneira emblemática e metódica vários ensaios sobre a historiografia da psicanálise sem se conformar com apenas um modelo. Notaremos também, em Davidson (1994/2001; tradução francesa, 2005), uma fecunda leitura dos trabalhos de Ian Hacking em paralelo com aqueles de Carlo Ginzburg. A partir dos anos 1990, Forrester formulará seu próprio “*styles project*”, cujos estudos foram reunidos postumamente (Forrester, 2016). Para uma leitura desses trabalhos, ver Mayer (2017).

⁴⁷ Nesse sentido, nossos trabalhos perseguem problemáticas estudadas pelos historiadores do livro e da leitura, sobretudo em relação ao período do Iluminismo (ver Chartier, 1992; 2003).

especificidades epistêmicas e terapêuticas. A investigação sobre a história da *Traumdeutung* que realizamos com Lydia Marinelli não dava preferência nem ao ponto de vista do autor, perspectiva privilegiada pelos editores das obras de Freud⁴⁸, nem a uma análise de formações discursivas ou de espaços conceituais favorecidos pela epistemologia histórica⁴⁹. No lugar de inserir o livro em um espaço conceitual determinado, tratava-se de compreender como se cria um espaço de práticas que aproxima e opõe o autor e seus leitores, que são, nesse caso, seus parentes, seus colegas e seus próprios pacientes. Ao retratar a história da *Traumdeutung*, fica evidente em que medida os usos de um texto por seus atores se voltam em direção à própria teoria. Ora, no caso da psicanálise freudiana, constatamos não apenas uma interatividade que parece caracterizar as ciências humanas e mais particularmente as disciplinas e saberes que lidam com o psiquismo em geral⁵⁰, mas também um traço muito específico que diz respeito à evolução e à transformação progressiva do método desenvolvido para confirmar a teoria. Esse é um traço que permite finalmente elucidar a centralidade da autoanálise enquanto procedimento nos anos de fundação do movimento psicanalítico: ocupando o lugar de primeiro manual prático, o livro da *Traumdeutung* tinha como objetivo orientar os leitores que buscavam se iniciar no novo método freudiano, que inicialmente se concentrava nos sonhos e nos lapsos. Assim, ele dava muitas vezes início a uma aprendizagem à distância, sob a forma de uma análise por cartas trocadas com o autor, em um processo de alternância entre leitura, escrita e sonhos⁵¹. Nesse sentido, a autoanálise não se reduz a uma narrativa lendária, nem a uma pura variante da auto-observação psicológica; no interior de um dispositivo, ela se revela geradora de um saber e também de ações pretensamente terapêuticas.

Nesse sentido, nosso projeto não seria tanto de escrever a história da recepção da *Traumdeutung*, história a ser feita de maneira detalhada considerando vários contextos culturais e nacionais⁵², mas antes de evidenciar a coprodução complexa e coletiva dessa obra que inaugura um novo saber sobre a “realidade psíquica”. Uma tal abordagem de história coletiva multiplica necessariamente os atores que intervêm nesse processo (os colegas, os pacientes, os membros da família, os críticos etc.), mas integrando as *ações* específicas que levam à obra na descrição histórica. Assim, o interesse de fazer uma análise genética das oito edições da *Traumdeutung* foi de reencontrar os traços dessas ações para reconstruir as etapas significativas

⁴⁸ Grubrich-Simitis (2000).

⁴⁹ Marinelli; Mayer (2000; 2002/2009); Mayer (2004).

⁵⁰ Como notou Hacking (2001).

⁵¹ Marinelli; Mayer (2002/2009, pp. 41-59).

⁵² Para uma revalorização desse livro na cultura francesa no início do século XX, ver em especial Carroy (2012); para o contexto inglês, ver os trabalhos de Forrester (2006; 2012) e Forrester; Cameron (2017).

da constituição do “movimento” psicanalítico, denominação que remete mais a uma configuração social instável que a um coletivo bem consolidado⁵³. Nesse sentido, o trabalho filológico sobre as diferentes versões do texto se ancora em um questionamento histórico e sociológico sobre a gênese de um movimento profissional e de suas práticas epistêmicas, sem deixar de levar em conta suas relações de convergência ou de conflito com outras práticas⁵⁴.

4 PARA UMA HISTÓRIA “CONCRETA” DA PSICANÁLISE

Mas também seria preciso destacar outro desafio, a saber, o de escrever uma história da psicanálise isenta de referências ao nome de seu fundador: é possível uma “história anônima” da psicanálise? Tentamos responder a esta pergunta de diferentes formas: deslocando a análise em direção a outros atores – principalmente a clientela psicanalítica –, a uma sociologia do dispositivo terapêutico ou a uma genealogia das “técnicas de si” na esteira de Foucault⁵⁵. Em todas essas perspectivas críticas, o paciente é quem emerge como a figura central das culturas ocidentais e seculares, obcecada por sua busca incessante pela autenticidade nas relações humanas. Assim, o paciente aparece de algum modo como a figura-tipo do *homo psychologicus* moderno, para retomar o termo do sociólogo americano Philip Rieff, que a partir dos anos 1950 se empenhou em analisar o caráter paradoxal da psicanálise freudiana como “ciência que nega sua própria natureza de ciência *moral*”⁵⁶. O interesse pelos efeitos culturais e morais da terapêutica conduziu esse tipo de abordagens a contextualizações que inscrevem o projeto de Freud e de seus sucessores em um horizonte marcado pela longa duração (história da modernidade, da secularização e da racionalização).

Poderíamos ainda seguir um caminho muito diferente, mais oblíquo, e se interrogar sobre o papel das *coisas* na gênese da psicanálise. Essa é uma questão que emerge das fontes, especialmente nos testemunhos dos pacientes, quando buscamos reconstruir as condições concretas da terapêutica: um bom número de pacientes expressou grande surpresa ao entrar pela primeira vez no consultório de Freud, repleto de estátuas, pinturas e objetos de arte. Por que todos esses objetos, esses sujeitos mudos, em um tratamento que se apresenta exclusivamente

⁵³ Agradecemos a Isabelle Grangaud e Simona Cerutti por uma discussão desse problema. Ver Cerutti; Grangaud (2014).

⁵⁴ Ver Mayer (2016).

⁵⁵ Castel (1976); de Swaan (1977); Foucault (1988/1994).

⁵⁶ Rieff (1979/1959, p. 324, “*a science whose very nature as a moral science it denies*”, grifo nosso). Ver também, a partir de um outro viés, as análises críticas de Ernest Gellner (1985; tradução francesa, 1990).



como uma troca de palavras? Durante muito tempo, as abordagens históricas e sociológicas ignoraram a materialidade dos contextos da psicanálise ou a consideraram como um elemento puramente anedótico, o que dá no mesmo. Assim, elas não se interrogaram sobre as relações entre o discursivo e o não discursivo nessas composições terapêuticas. A partir dos anos 1990, essa é uma questão que irá inspirar as pesquisas originais e prematuramente interrompidas de Lydía Marinelli que, graças à sua dupla formação de historiadora e museógrafa, soube propor formas inovadoras de contextualizar a psicanálise freudiana⁵⁷. Nesse sentido, sua grande exposição sobre a história do divã, concebida em comemoração ao aniversário de Freud (2006), se apresentava como uma lição prática: no lugar de celebrar o homem, tratava-se de homenagear o mobiliário ao seguir os avatares de sua história sinuosa⁵⁸. Uma tal abordagem dava corpo ao projeto de uma “história anônima” imaginada pelo historiador da arquitetura Sigfried Giedion, que consagrou seu estudo *La mécanisation au pouvoir* (1949) [A mecanização no poder] aos efeitos dessas “simples coisas” que povoam o mundo moderno e que “abalaram nossa vida até suas raízes mais profundas⁵⁹”.

Mas como analisar o papel dos contextos materiais para as práticas epistêmicas e terapêuticas da psicanálise seguindo uma abordagem histórica? Essa é uma questão que nós tentamos abordar em uma série de investigações que tomavam o consultório de Freud como ponto de partida⁶⁰. As práticas psicanalíticas devem ser inseridas em um espaço mais amplo em relação àquele que caracteriza o dispositivo terapêutico da psicanálise em sua forma mais conhecida, isto é, o fechamento em torno da poltrona e do divã. A questão de saber como se deve decompor esse espaço nos reenvia necessariamente à problemática das relações entre a psicanálise e as técnicas que a precedem e das quais ela emergiu. Se nos limitamos à hipnose e à sugestão tal como são praticadas no espaço europeu – e, portanto, às técnicas e dispositivos que marcaram o surgimento da “psicoterapia” no sentido moderno do termo – para retrair a gênese do dispositivo do tratamento psicanalítico, tal como ele se concretiza na prática de Freud para se estabilizar na forma já “clássica” do divã, é preciso de início abandonar duas ideias prontas a este respeito: a ideia de que a psicanálise nasceria de uma “ruptura epistemológica” com a hipnose, mas também a ideia inversa de que ela não teria uma técnica própria (sem efeitos de “sugestão”).

⁵⁷ Ver Marinelli (Org.), 1998; (Org.), 2006, 2009; Mayer (2009a; 2009b).

⁵⁸ Marinelli (2006).

⁵⁹ Giedion (1949/1983, p. 22).

⁶⁰ Mayer (2001b; 2006; 2012; 2002/2013).



Um enfoque antropológico, por outro lado, procura realçar a especificidade da psicanálise, entre outras técnicas de tratamento psíquico, dando atenção aos lugares, imagens, objetos e instrumentos que acompanham o tratamento do psiquismo, e consideram o consultório do hipnotizador, como aquele do psicanalista (ou de outros clínicos), como lugares de ação. O desenvolvimento de novas técnicas de linguagem – como a “associação livre” – e de formas de escrita – como as narrativas dos estudos de caso – deve, portanto, ser analisados levando em conta articulações materiais específicas. As fontes (manuais práticos, relatos de caso, correspondências entre médicos e pacientes, imagens) nos permitem, com frequência, estabelecer uma reconstrução dessa materialidade esquecida. Assim, convém dedicar-se às coisas que rodeiam ou “enquadram”, da forma mais literal, os atores, a seus deslocamentos concretos que por vezes parecem anódinos ou triviais, à moderação do espaço visual e sonoro e às posturas corporais adotadas em uma situação de tratamento. Ao reformular o famoso programa de Marcel Mauss⁶¹, poderíamos então dizer que se trata de introduzir as relações entre as técnicas do corpo e da mente no campo das ciências e terapias que lidam com o psiquismo.

Falar de “história concreta” seria mais apropriado para caracterizar uma tal abordagem do que a noção, mais problemática e equívoca, de “história anônima”. Mais do que buscar identificar os “modelos” científicos que Freud teria herdado de outras ciências ou de aplicar modelos provenientes da sociologia ou da história das ciências⁶², trata-se de examinar a evolução e a migração de diferentes técnicas terapêuticas e experimentais a fim de colocar em evidência a instalação de regimes de observação e experimentação dentro de culturas locais⁶³.

A história coletiva, no sentido de uma genética dos textos e de uma história das leituras, e a história concreta, naquele de uma antropologia dos lugares e das práticas, constituem assim duas maneiras de contextualizar a psicanálise que se articulam com a história dos conceitos freudianos e com uma sociologia do movimento psicanalítico. Uma tal abordagem de

⁶¹ Mauss (1936/1950).

⁶² Não negaremos a importância dos estudos que insistiram, de modo diverso e fecundo, sobre a necessidade de analisar a materialidade das ciências, especialmente o clássico livro de Shapin; Schaffer (1985/1993), assim como os estudos sobre o laboratório e a prática científica realizados por sociólogos como Karin Knorr-Cetina, Bruno Latour, Steve Woolgar, Harry Collins ou Michael Lynch. Mas as tentativas de apreender desses estudos um modelo geral para o caso particular da psicanálise (ou para outros casos) implicam o risco da perda de sua especificidade. Quando a referência ao laboratório se torna puramente metafórica ou abstrata, perde seu sentido preciso.

⁶³ Há questões que não podemos abordar aqui. Uma delas seria a de se perguntar sobre a extensão dessa abordagem à escala global, para analisar as relações existentes entre técnicas psicológicas e políticas. Ver Cohen (2013).

contextualização faz parte de uma reorientação da historiografia da psicanálise que se abre inteiramente às ciências sociais, recorrendo a investigações sobre a emergência e a transformação dos saberes e das técnicas que lidam com o psiquismo.



REFERÊNCIAS

- ANZIEU, Didier. *L'Auto-analyse de Freud et la Découverte de la psychanalyse*. Paris: PUF, 1959.
- ASSMANN, Jan (1997). *Moïse l'Égyptien: Un essai d'histoire de la mémoire*. Trad. Laure Bernardi. Paris: Flammarion, 2001.
- BAKAN, David. *Sigmund Freud and the Jewish Mystical Tradition*. New York: Beacon Press, 1958.
- BERNSTEIN, Richard Jacob. *Freud and the Legacy of Moses*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- BORCH-JACOBSEN, Mikkel; SHAMDASANI, Sonu. *Le dossier Freud: Enquête sur l'histoire de la psychanalyse*. Paris: Le Seuil, 2006.
- CARROY, Jacqueline. *Nuits savantes: Une histoire des rêves (1800-1945)*. Paris: Éditions de l'EHESS, 2012.
- CASTEL, Robert. *Le psychanalysme*. Paris: Maspéro, 1976.
- CERTEAU, Michel de (1975). *L'écriture de l'histoire*. 3^a ed. Paris: Gallimard, 1984.
- CERTEAU, Michel de. Psychanalyse et histoire. In: LE GOFF, J.; CHARTIER, R.; REVEL, J. (Orgs.). *La Nouvelle Histoire*. Paris: Gallimard, 1978, pp. 477-487.
- CERUTTI, Simona; GRANGAUD, Isabelle. Sources et mises en contexte: quelques réflexions autour des conditions de la comparaison. In: BRAYARD, F. (Org.). *Des contextes en Histoire. Actes du Forum du CRH*. Paris, 2014, pp. 91-104.
- CHARTIER, Roger. *L'Ordre des livres: Lecteurs, auteurs, bibliothèques en Europe entre XIV^e et XVIII^e siècle*. Aix-en-Provence: Alinéa, 1992.
- CHARTIER, Roger. Du livre au lire. In: CHARTIER, R. (Org.). *Pratiques de la lecture*. Paris: Payot, 2003, pp. 79-113.
- COHEN, Yves. *Le siècle des chefs: Une histoire transnationale du commandement et de l'autorité (1890-1940)*. Paris: Amsterdam, 2013.
- DAVIDSON, Arnold (1987). Comment faire l'histoire de la psychanalyse: une lecture des *Trois essais sur la théorie sexuelle* de Freud. In: *L'émergence de la sexualité: Épistémologie historique et formation des concepts*. Trad. Pierre-Emmanuel Dauzat. Paris: Albin Michel, 2005, pp. 131-172.
- DAVIDSON, Arnold (1994). Épistémologie des preuves déformés: problèmes autour de l'historiographie de Carlo Ginzburg. In: *L'émergence de la sexualité. Épistémologie historique et formation des concepts*. Trad. Pierre-Emmanuel Dauzat. Paris: Albin Michel, 2005, pp. 245-302.
- DERRIDA, Jacques. *Mal d'archive: une impression freudienne*. Paris: Galilée, 1995.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *L'invention de l'hystérie*. Paris: Macula, 1982.
- EISSLER, Kurt Robert. *Talent and Genius: The Fictitious Case of Tausk contra Freud*. New York: Quadrangle Books, 1971.
- ELLENBERGER, Henri. La notion de "maladie créatrice". *Dialogue*, vol. 3, n. 1, 1964, pp. 25-41.
- ELLENBERGER, Henri. *The discovery of the unconscious: the history and evolution of dynamic psychiatry*. New York: Basic Books, 1970. (À la découverte de l'inconscient: histoire de la psychiatrie dynamique. Trad. Joseph Feisthauer. Villeurbanne: SIMEP, 1974).
- ELLENBERGER, Henri. *Médecines de l'âme: Essais d'histoire de la folie et des guérisons psychiques*. Apresentado por Élisabeth Roudinesco. Paris: Fayard, 1995.
- FOUCAULT, Michel (1988). Les techniques de soi. In: *Dits et Écrits*. Paris: Gallimard, 1994, pp. 1602-1632.

- FORRESTER, John. *Language and the Origins of Psychoanalysis*. New York: Columbia, 1980. (*Le Langage aux origines de la psychanalyse*. Trad. Michelle Tran Van Khai. Paris: Gallimard, 1984).
- FORRESTER, John. *Dispatches from the Freud Wars: Psychoanalysis and its Passions*. Cambridge/MA, e Londres: Harvard University Press, 1997.
- FORRESTER, John. Remembering and forgetting Freud in early twentieth century dreams. *Science in Context*, vol. 19, n. 1, 2006, pp. 65-85.
- FORRESTER, John. The English Freud: W.H.R. Rivers, dreaming and the making of the early twentieth century human sciences. In: ALEXANDER, S.; TAYLOR, B. (Orgs.). *History and Psyche: Culture, Psychoanalysis, and the Past*. Londres: Palgrave, 2012, pp. 71-104.
- FORRESTER, John. *Thinking in Cases*. Londres: Polity, 2016.
- FORRESTER, John; CAMERON, Laura. *Freud in Cambridge*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.
- FREUD, Sigmund (1900). *L'interprétation du rêve*. Trad. Jean-Pierre Lefebvre. Paris: Le Seuil, 2010.
- FREUD, Sigmund. Zur Geschichte der psychoanalytischen Bewegung. In: *Gesammelte Werke*, vol. X, 1914, pp. 43-113. (*Sur l'histoire du mouvement psychanalytique*. Trad. Cornélius Heim. Prefácio de Jean-Bertrand Pontalis. Paris: Gallimard, 1991).
- FREUD, Sigmund. Konstruktionen in der Analyse. In: *Gesammelte Werke*, vol. XVI, 1937, pp. 41-56. (Constructions dans l'analyse. In: *Résultats, idées, problèmes, II*, Paris: PUF, 1985).
- FREUD, Sigmund. *La naissance de la psychanalyse. Lettres à Wilhelm Fliess. Notes et plans (1887-1902)*. Trad. Anne Berman. BONAPARTE, M.; FREUD, A.; KRIS, E. (Orgs.). Paris: PUF, 1956.
- GELLNER, Ernest. *The Psychoanalytic Movement, or The Cunning of Unreason*. Londres: Fontana, 1985. (*La ruse de la déraison: Le mouvement psychanalytique*, Trad. Pierre-Emmanuel Dauzat. Paris: PUF, 1990).
- GIEDION, Sigfried (1949). *La mécanisation au pouvoir: Contribution à une histoire anonyme*. Trad. Paul Guivarch. Paris: Denoël, 1983.
- GINZBURG, Carlo. Spie. Radici di un paradigma indiziario. In: *Miti emblemici spie. Morfologia e storia*. Turin: Einaudi, 1986, pp. 158-209. (Traces. Racines d'un paradigme indiciare. In: *Mythes emblèmes traces: Morphologie et histoire*. Trad. M Aymard; C. Paolini; E. Bonan; M. Sancini-Vignet; revisada por Martin Rueff. Lagrasse: Verdier, 2010, pp. 218-294.)
- GINZBURG, Carlo. Family resemblances and family trees: Two cognitive metaphors. *Critical Inquiry*, vol. 30, n. 3, 2004, pp. 537-556.
- GINZBURG, Carlo. Our Words, and Theirs: A Reflection on the Historian's Craft, Today. In: FELLMAN, S.; RAHIKAINEN, M. (Orgs.). *Historical Knowledge: In Quest of Theory, Method, and Evidence*. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 2012, pp. 97-119.
- GINZBURG, Carlo; TIMPANARO, Sebastiano. Lettere intorno a Freud (1971-1995) (com una nota di C.G.). In: GHIDETTI, E.; PAGNINI, A. (Orgs.). *Sebastiano Timpanaro e la cultura del secondo novecento*. Rome: Edizioni di Storia e Letteratura, 2005, pp. 317-345.
- GRUBRICH-SIMITIS, Ilse. Métamorphoses de *L'interprétation des rêves*. Les relations de Freud à son livre du siècle. *Revue germanique internationale*, vol. 14, 2000, pp. 9-47.
- HACKING, Ian. Language, truth and reason. In: HOLLIS, M.; LUKES, S. (Orgs.). *Rationality and relativism*. Oxford: Basil Blackwell, 1982, pp. 48-66.
- HACKING, Ian (1999) *Entre science et réalité: La construction sociale de quoi?*. Trad. Baudouin Jurdant. Paris: La Découverte, 2001.
- HACKING, Ian. *Historical ontology*. Cambridge/MA: Harvard University Press, 2002.
- HACKING, Ian. "Language, truth and reason" 30 years later. *Studies in History and Philosophy of Science*, vol. 43, n. 4, 2012, pp. 599-609.



- JARDINE, Nick. Etics and Emics (Not to Mention Anemics and Emetics) in the History of the Sciences. *History of Science*, vol. 42, 2004, pp. 261-278.
- Jones, Ernest (1953) *La Vie et l'Œuvre de Sigmund Freud*. Tomo I. Trad. Anne Berman. Paris: PUF. 1973.
- KANZER, Mark; GLENN, Jules. *Freud and His Self-Analysis*, Nova York: Jason Arosen, 1979.
- Le Rider, Jacques. *Freud, de l'Acropole au Sinai*. Paris: PUF (Perspectives germaniques), 2002.
- LEVIN, Kenneth. *Freud's early Psychology of the Neuroses: A Historical Perspective*. Princeton: Princeton University Press, 1978.
- MARINELLI, Lydia (Org.). *Meine ... alten und dreckigen Götter: Aus Sigmund Freuds Sammlung*. Frankfurt, Bâle: Stroemfeld, 1998.
- MARINELLI, Lydia (Org.). *Die Couch: Vom Denken im Liegen*; Munique: Prestel, 2006.
- MARINELLI, Lydia. *Tricks der Evidenz. Zur Geschichte psychoanalytischer Medien*.
- MAYER, A. (Org.). Viena: Turia + Kant, 2009.
- MARINELLI, Lydia; MAYER, Andreas. Vom ersten Methodenbuch zum historischen Dokument. Sigmund Freuds "Traumdeutung" im Prozeß ihrer Lektüren (1899-1930). In: *Die Lesbarkeit der Träume: Zur Geschichte von Freuds "Traumdeutung"*. Frankfurt: Fischer, 2000, pp. 37-126.
- MARINELLI, Lydia; MAYER, Andreas. Forgetting Freud? For a New Historiography of Psychoanalysis. *Science in Context*, vol. 19, n. 1, 2006, pp. 1-13.
- MARINELLI, Lydia; MAYER, Andreas (2002). *Rêver avec Freud: L'histoire collective de l'Interprétation du Rêve*. Trad. Dominique Tassel. Paris: Aubier-Flammarion, 2009.
- MAUSS, Marcel (1936). Les techniques du corps. In: *Sociologie et anthropologie*, introduzido por Lévi-Strauss, C. Paris: PUF, 1950, pp. 363-386.
- MAYER, Andreas. Introspective Hypnotism and Freud's Self-Analysis. Procedures of Self-Observation in Clinical Practice. *Revue d'histoire des sciences humaines*, n. 5, 2001a, pp. 171-196.
- MAYER, Andreas. Objektwelten des Unbewußten. Fakten und Fetische in Charcots Museum und Freuds Behandlungspraxis. In: TE HEESSEN, A.; SPARY, E. C. (Orgs). *Sammeln als Wissen: Das Sammeln und seine wissenschaftsgeschichtliche Bedeutung*. Göttingen: Wallstein, 2001b, pp. 169-198.
- MAYER, Andreas. L'histoire collective de *L'interprétation des rêves* de Freud. *Esprit*, n. 309, 2004, pp. 108-129.
- MAYER, Andreas. Lost Objects: From the Laboratories of Hypnosis to the Psychoanalytic Setting. *Science in Context*, n. 19, 2006, pp. 37-65.
- MAYER, Andreas. The Historian of the Freud Museum: Lydia Marinelli. *Psychoanalysis and History*, vol. 11, n. 1, 2009a, pp. 109-115.
- MAYER, Andreas. Shadow of a Couch. *American Imago*, vol. 66, n. 2, 2009b, pp. 137-147.
- MAYER, Andreas. Gradiva's Gait: Tracing the Figure of a Walking Woman. *Critical Inquiry*, vol. 38, n. 3, 2012 pp. 554-578.
- MAYER, Andreas (2002), *Sites of the Unconscious: Hypnosis and the Emergence of the Psychoanalytic Setting*. Trad. Christopher Barber. Chicago/Londres: Chicago University Press, 2013.
- MAYER, Andreas. La *Traumdeutung*, clef des songes du XX^e siècle? Freud, Artémidore et les avatars de la symbolique onirique. In: CARROY, J.; LANCEL, J. (Orgs.). *Clefs des songes et sciences des rêves*. Paris Les Belles Lettres, 2016, pp. 157-181.
- MAYER, Andreas. Why psychoanalysis matters to the history and philosophy of Science. *Psychoanalysis and History*, vol. 19, n. 2, 2017, pp. 151-165.
- MCGRATH, William. Freud as Hannibal: The politics of the brother band. *Central European History*, vol. 7, n. 1, 1974, pp. 31-57.



- MCGRATH, William. *Freud's Discovery of Psychoanalysis: The Politics of Hysteria*. Ithaca/Londres: Cornell University Press, 1986.
- MERTON, Robert (1942). The Normative Structure of Science. In: *The Sociology of Science: Theoretical and Empirical Investigations*. Chicago: University of Chicago Press, 1973, pp. 267-280.
- MICALÉ, Mark (Org.). *Beyond the Unconscious: Essays of Henri F. Ellenberger in the History of Psychiatry*. Princeton: Princeton University Press, 1993.
- MULKAY, Michael Joseph. *Science and the sociology of knowledge*. Londres/Boston: Routledge, 1979.
- MULKAY, Michael Joseph; KNORR CETINA, Karin (Orgs.). *Science observed: perspectives on the social study of science*. Londres/Beverly Hills: Sage, 1983.
- RIEFF, Philip (1959). *Freud: The Mind of the Moralizer*. 3ª ed. Chicago: University of Chicago Press, 1979.
- ROUDINESCO, Élisabeth. *Sigmund Freud en son temps et dans le nôtre*. Paris: Le Seuil, 2014.
- SCHORSKE, Carl. *Fin-de-Siècle Vienna: Politics and Culture*. New York: Knopf, 1980a.
- SCHORSKE, Carl. Freud: the Psycho-Archeology of Civilizations. *Proceedings of the Massachusetts Historical Society*, vol. 92, 1980b, pp. 52-67.
- SHAPIN, Steve ; SCHAFFER, Simon (1985). *Léviathan et la pompe à air: Hobbes et Boyle entre science et politique*. Trad. Thierry Piélat com a colab. de Sylvie Barjansky. Paris: La Découverte, 1993.
- SULLOWAY, Frank (1979). *Freud, Biologist of the Mind: Beyond the Psychoanalytic Legend*. 2ª ed. Cambridge/MA: Harvard University Press, 1992.
- SULLOWAY, Frank. Reassessing Freud's Case Histories: The Social Construction of Psychoanalysis. *Isis*, vol. 82, n. 2, 1991, pp. 245-75.
- SULLOWAY, Frank (1994) Freud recycleur: Cryptobiologie et pseudoscience (Trad. Marie-Cécile Kovacs do capítulo). In: MEYER, C. (Org.). *Le Livre noir de la psychanalyse: Vivre, penser et aller mieux sans Freud*. Paris: Les Arènes, 2005, pp. 49-66.
- SWAAN, Abram de. On the sociogenesis of psychoanalytic setting. In: GLEICHMANN, P. R.; GOUDSBLOM, J.; KORTE, H. (Orgs.). *Human Figurations: Essays for Norbert Elias*. Stichting: Amsterdams Sociologisch Tijdschrift, 1977, pp. 381-413.
- THOUARD, Denis (Org.). *L'interprétation des indices: Enquête sur le paradigme indiciaire avec Carlo Ginzburg*. Paris: Presses universitaires du Septentrion, 2007.
- TIMPANARO, Sebastiano (1974). *Il lapsus freudiano: Psicanalisi e critica testuale*. Torino: Bollati Boringhieri, 2002. (*The Freudian Slip: Psychoanalysis and Textual Criticism* [1976]. Trad. Kate Soper. Londres: Verso, 2011).
- TIMPANARO, Sebastiano. Freud's "Roman Phobia". Trad. Kate Soper. *New Left Review*, vol. 147 (Setembro-Outubro), 1984, pp. 4-31.
- TIMPANARO, Sebastiano (1992) *La "fobia romana" e altri scritti su Freud e Meringer*, Pise: Edizioni ETS, 2006.
- TIMPANARO, Sebastiano; ORLANDO, Francesco. *Carteggio su Freud (1971-1977)*. Pise: Scuola Normale Superiore, 2001.
- YERUSHALMI, Yosef. *Le Moïse de Freud: Judaïsme terminable et interminable*. Trad. Jacqueline Carnaud. Paris: Gallimard, 1993.
- WEHLER, Hans-Ulrich. Zum Verhältnis von Geschichtswissenschaft und Psychoanalyse. In: WEHLER, H-U. (Org.). *Geschichte und Psychoanalyse*. Colônia: Ullstein, 1971, pp. 7-26.
- WEISZ, George. Scientists and Sectarians: The case of psychoanalysis. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, vol. 11, n. 4, 1975, pp. 350-364.
- Wölfflin, Heinrich. *Kunstgeschichtliche Grundbegriffe: Das Problem der Stilentwicklung in der neueren Kunst*. Munique: Bruckmann, 1915.

